



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

**O LUGAR DO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS.**

TALYTA REIS DOS SANTOS

Brasília

2013

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

**O LUGAR DO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS.**

TALYTA REIS DOS SANTOS

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Pedagogia à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof^a Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida.

Brasília

2013

O LUGAR DO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS.

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Pedagogia à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof^a Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida (orientadora)

Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a. Teresa Cristina S.Cerqueira

Universidade de Brasília

Prof^o Dr. Paulo Sérgio Andrade Bareicha

Universidade de Brasília

Prof^a Ms. Adriana Pereira Bomfim

UniPlan- DF Suplente

“Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também, o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos...”sem querer”
Sigmund Freud

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me ter sido tão fiel e ter me ajudado nessa jornada, sem o qual eu haveria desistido.

Agradeço a minha mãe por ter me mostrado que por mais que as coisas sejam difíceis não devemos desistir. Isso me motiva até hoje mãe e te agradeço pela minha criação.

À minha querida orientadora Prof^a Dr^a Inês Maria, muito obrigada pela paciência, carinho e bom humor. Sem você este trabalho não sairia dos meus sonhos.

À professora Teresa Cristina pelo companheirismo e por um dia ter me apresentado Freud.

À você Junio, pela sensibilidade, pelos momentos bons, pelo amadurecimento com os ruins, por nossa vida, por nosso amor...

Aos colegas de curso que enriqueceram minhas vivências ao longo desses anos, em especial aos amigos que conquistei... Mari, Serginho, Lu, Dudu, Karenn vocês foram o diferencial para mim na UnB. Também aos meus amigos de fora da UnB que estavam presentes nas horas de necessidades e desesperos, obrigada pelos conselhos e atenção nos momentos difíceis.

Por fim, à Universidade de Brasília por realizar um sonho e agora fechando mais um ciclo de muitos que ainda não de vir.

Muito obrigada!

Apresentação

Orientado pela Prof^a Dr^a Inês Maria Marques Z .P. de Almeida, este trabalho faz parte da conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Tem como enfoque a relação da psicanálise com a educação e a forma como as marcas da vivência influenciam na construção de quem somos hoje.

O trabalho é dividido em três partes, sendo assim uma monografia composta por pesquisa e descrição de um referido tema.

Na primeira parte encontra-se o memorial educativo, onde são narradas as vivências escolares e pessoais além do percurso dentro da universidade e as motivações acerca do próprio tema da monografia.

Na segunda parte, encontram-se os objetivos, o referencial teórico, a metodologia utilizada para o levantamento de dados, a análise e a interpretação dos mesmos e as considerações finais.

A pesquisa foi feita a partir do curso de extensão denominado “O lugar do infantil na formação de professores e alunos das series iniciais” ofertado em uma escola da Rede Publica de Ensino do DF, para uma turma de alunos em processo de alfabetização e professores das séries iniciais no primeiro semestre de 2013, fazendo parte da segunda fase do Projeto 4 (estágio supervisionado).

Na terceira parte estão as perspectivas futuras por mim apontadas e anseios do meu percurso profissional.

Sumário

RESUMO	8
Abstract	8
OBJETIVOS	10
OBJETIVO GERAL	10
OBJETIVOS ESPECIFICOS	10
MEMORIAL EDUCATIVO	11
Introdução	16
CAPITULO I REFERENCIAL TEÓRICO	17
PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO	17
I. O INFANTIL: MEMÓRIA EDUCATIVA E INCIDENTES CRÍTICOS	18
II. SUBJETIVIDADE	21
III. TRANSFERÊNCIA	23
IV. AFETO	25
V. O DESENHO INFANTIL	27
CAPITULO II	29
METODOLOGIA	29
CAPITULO III	31
ANÁLISE DOS DADOS	31
DOS PROFESSORES	31
DOS ALUNOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
PERSPECTIVAS FUTURAS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
Anexos	49

RESUMO

Desenvolvido com professores as séries iniciais em escola da rede pública de ensino (Escola Classe 113 Norte - Brasília) ,tendo como tema a compreensão do lugar do infantil na constituição do humano. Para Freud, o aparelho psíquico não é dado desde as origens, tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva, daí a importância de se tomar a perspectiva histórica na compreensão da subjetividade docente e da própria teoria psicanalítica. Pretendeu-se assim aprofundar teoricamente o trabalho com a memória educativa e história de vida de professores atuantes e alunos, no sentido de reconhecer a importância das experiências subjetivas vividas pelo sujeito e seus laços com a constituição da identidade docente; reconhecer também os desafios enfrentados nas complexas relações entre objetividade, subjetividade e o lugar do infantil na formação de professores, alunos e as possíveis implicações na prática pedagógica. A metodologia fundamentada na abordagem qualitativa, estudo exploratório, utilizou de ferramentas conceituais advindas da teoria psicanalítica, assim como o compartilhamento da possível conexão entre Psicanálise e Educação, apontando-se suas implicações no campo da arte, em especial, a cinematográfica e o desenho além da contação de história utilizada nas atividades com os alunos. Para os 25 professores inscritos, após a reunião inicial, foram apresentados o curso de extensão, com a leitura do folder da proposta e do conteúdo programático com uma grande adesão e participação. Com as crianças foram planejados 4 encontros com uma turma do 1º ano de 17 alunos, sendo 8 meninas e 9 meninos. As atividades principais foram a história de vida, a confecção da caixa de memória com fotos e brinquedos, a contação de história, a elaboração de desenhos e conversas em roda. As análises de dados satisfatoriamente apontaram que a psicanálise pode se vincular à educação, não como forma explícita do aprender, mas nas relações implícitas, no cuidado com as marcas inscritas reconhecendo a importância do infantil na constituição da subjetividade de professores e alunos das series iniciais.

Palavras-chaves: Psicanálise e Educação, subjetividade, Memória Educativa.

ABSTRACT

Developed with teachers in the early grades of school public school (Class School 113 North - Brasilia), on the subject of understanding the place of the child in the human constitution. For Freud, the psychic apparatus is not given from the beginning, time and memory are essential components of subjective experience, hence the importance of taking the historical perspective in understanding the teacher subjectivity and theory of psychoanalysis. The intention was thus theoretically deepen the work with the educational memory and life history of acting teachers and students to recognize the importance of the subjective experiences of the subject and its ties with the formation of teacher identity, also recognize the challenges faced in complex relationships between objectivity and subjectivity in place of child training of teachers, students and the possible implications for pedagogical practice. The approach based on qualitative, exploratory study used methodology of conceptual tools arising from psychoanalytic theory, as well as sharing the possible connection between psychoanalysis and education, pointing out its implications in the field of art, especially the film and design beyond used in storytelling activities with students. For the 25 teachers enrolled after the initial meeting, the extension course, from reading the folder of the proposal and syllabus with a large membership and participation were presented. With children 4 meetings with a group of 1st year of 17 students, 8 girls and 9 boys were planned. The main activities were the life story of the making of the memory box with photos and toys, the storytelling, the preparation of drawings and conversations wheel. Data analyzes showed satisfactorily that psychoanalysis can be linked to education, not as explicit form of learning, but the implicit relations, care for the brands included recognizing the importance of the child in the constitution of subjectivity of teachers and students of the initial series.

Keywords: Psychoanalysis and Education, subjectivity, Educational Memory.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Reconhecer a importância do lugar do infantil nas experiências vividas pelos sujeitos e na constituição das identidades e subjetividades do Ser professor e Ser aluno.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Ressaltar a importância da figura do infantil na constituição do sujeito na perspectiva psicanalítica.
- Apresentar e aprofundar o trabalho com a memória educativa e história de vida dos professores e alunos ressaltando a dimensão do infantil.
- Apontar as possíveis implicações da constituição da subjetividade docente e implicações na prática pedagógica.

MEMORIAL EDUCATIVO

Filha de uma baiana com um carioca, nascida no ano de 1991 em Brasília. Minha infância foi marcada pela separação de meus pais aos 3 anos, do que me recordo muito pouco e entendo essa vivência como a minha conexão com a psicanálise.

Minha trajetória escolar começou aos 4 anos e meio em uma escola pequena e simples, seu nome era Sementinha. Estudava em período integral, pois não tinha quem ficasse comigo. Tive ótimas professoras nessa época escolar, mas não me sentia socializada com os meus colegas de classe. Lá eu fiquei até meus 6 anos e já estava alfabetizada.

Com 7 anos fui para uma escola pública, o Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará, que ficava perto da minha casa. Não concluí a 1ª série, pois a professora considerava-me adiantada nos conteúdos em relação a minha turma e procurou minha mãe para que eu fizesse uma prova e mudar de série.

Fiz a prova e fui aprovada, mas recordo-me de não me adaptar muito bem no início com a turma nova e o novo ritmo desta série, mas mesmo assim fui aprovada no fim do ano.

Após isso, não me recordo de muitos detalhes. Lembro-me das mudanças na 5ª série, onde eu tinha mais professores e ainda gostava muito de matemática, isso ficou até a 7ª série e depois mudei para o Centro Educacional 02 do Guará- GG, onde fiquei até concluir o Ensino Médio que foi a melhor fase da minha vida ao meu ver. Já não morava perto da escola, pois havia mudado a um tempo para Samambaia e ia todos os dias de metrô para a escola. Lá eu fazia inglês no Centro Interescolar de Línguas do Guará – Cilg e hoje arrependo-me de não ter concluído meu curso de inglês nessa escola.

Segui o 1º ano do ensino médio sem grandes dificuldades, minha turma era praticamente a mesma do colégio anterior já que quase todos haviam sido transferidos para fazer a 8ª série no GG. Nessa época nasceu minha vontade de

passar no PAS. Espelhei-me em professores e minha matéria preferida era Arte seguida por Português e Biologia. Tinha vontade de dar aula de História da Arte, mas não sabia por onde começar. Nessa época já começava a fazer cursinhos preparatórios. Com 14 anos, eu ainda era a mais nova da turma.

Já meu 2º ano, foi conflituoso. Senti dificuldade nas matérias de exatas, já não tinha prazer em estudá-las, os professores irritavam-me e acabei tento um insucesso nesta etapa. Cheguei a fazer a 2ª fase do PAS, mas não resolveria minha situação já que não havia sido aprovada na escola.

No outro ano recomecei o 2º ano, estava mais madura por causa do choque que a reprovação me causou e também estava mais reclusa, mais introspectiva. No começo foi difícil adaptar à turma onde eu não conhecia ninguém, sentava-me no fundo e confesso que sentia pena de mim por não ter conseguido passar de ano.

Com o andar dos bimestres percebi que não havia encontrado uma turma, a primeira turma 'B' que eu fazia parte, já que sempre fui das turmas 'A', havia encontrado uma família. Hoje não me arrependo de ter reprovado uma série, pois sei que isso me ajudou a crescer além de ter me dado grandes amigos.

O 2º ano foi concluído com louvor, mas não quis continuar com o PAS, devido a minha reprovação perdi o encanto pela UnB, já não sentia como uma prioridade para mim, na verdade nem sabia o que eu queria mais.

Com a mesma turma iniciamos o 3º e último ano na escola que ainda sinto muitas saudades. Esse ano passou absolutamente rápido, as matérias foram relativamente fáceis. Foi o melhor ano de todos, com a melhor turma de todas. Guardo boas lembranças da escola que eu estudei e até hoje revejo alguns desses amigos pelos corredores da UnB.

Aos meus 17 anos concluí o Ensino Médio, foquei meus estudos nos concursos públicos e assim fiquei por um ano.

Fiz o Enem para jornalismo e consegui bolsa de 50%,mas não cheguei a começar o curso. Já estava desmotivada com a UnB, mas minha mãe insistiu para que fizesse o vestibular e por fim, acabei cedendo.

Minha primeira escolha foi Pedagogia e como havia conseguido isenção de taxa, já pensava em fazer outro para Letras caso não passasse. Continuei estudando para o concurso que estava perto e deixei o vestibular de lado. Conclusão: não passei no concurso, mas fui aprovada no vestibular.

Assim começou minha jornada na UnB. Com 18 anos estava em uma universidade pública e constantemente sendo questionada por não haver escolhido um curso “melhor”. Esses comentários irritavam-me bastante e já dentro da academia, percebi que não estava sofrendo sozinha com esses tipos de comentários.

Meu primeiro semestre foi o mais empolgado, hoje recordo-me com saudade a euforia que sentia, das tardes que passei lá. Mas para construir esse sentimento, foi um caminho árduo. Meu caminho pelo conhecimento psicológico começou em PDH. Foi uma matéria muito agradável e me instigou a conhecer os seres humanos. Ainda não tinha conhecimento sobre a psicanálise, mas já me interessava nas questões psíquicas e do desenvolvimento.

No decorrer da minha graduação tive muita dificuldade de conseguir fazer os 2 turnos, pois ajudava minha mãe em seu quiosque. Tinha somente um dia na semana para fazer mais uma matéria e creio que isso também fez passar mais um tempo para concluir meu curso.

Por volta do 3º semestre, fiquei confusa, queria mudar de curso cheguei até a fazer o vestibular, mas sem sucesso dessa vez. Percebi ao longo do tempo que isso chega a ser algo normal entre os alunos, mas fico feliz de ter tido força e não ter parado.

Quando fiz Psicologia na Educação, pude saber um pouco mais a respeito de Freud e sua teoria. A matéria não aprofundava suas teorias e falava de muitos outros teóricos, mesmo assim deu para aprender bastante e assim já sabia sobre o que queria escrever no meu TCC.

Tive uma grande dificuldade de encontrar um Projeto e fiquei por mais de 2 semestres para encontrar um que me agradasse e, por falta de um tema de interesse, acabei por fazer o que me dava vontade na hora. Assim foi meu projeto 3

fase 1, 2 e 3. Foram de grande utilidade no momento, mas não se encaixavam com o que procurava e não conseguia me encontrar.

Infelizmente ainda existe um grande preconceito quando se fala de psicanálise na universidade. Fiquei cerca de 3 semestres procurando alguém que pudesse me orientar, isso porquê ainda não havia conseguido encontrar um projeto 4 que fosse ao encontro das minhas ideias para a monografia.

Nessa etapa, a contra gosto da minha mãe, encontrei um estagio, era a primeira vez que trabalhava em outra coisa que não fosse o quiosque da família. Todo o tempo que fiquei naquela escola, foi de grande proveito para meu crescimento profissional. Fiquei pouco tempo lá, somente 6 meses, pois outra escola de educação infantil já havia me chamado e até hoje estou trabalhando lá.

No 6º semestre encontrei a matéria Inconsciente e Educação, era uma pontinha de luz no fim do túnel. Essa matéria foi o diferencial no meu aprofundamento dos meus conhecimentos. A partir dessa matéria consegui traçar meus objetivos de monografia. Encontrar a Prof.^a Inês foi o que me possibilitou escrever sobre o que me agrada e depois de muita negociação consegui convencê-la a entrar nessa jornada juntamente comigo e ela deu-me o seu voto de confiança.

Na 1ª fase do Projeto 4, foram elaboradas as diretrizes do que iria se tornar nosso curso de extensão. Com muito cuidado os textos foram escolhidos e os slides preparados para execução. Foi uma experiência agradável e trabalhosa.

Na 2ª fase do Projeto foi a execução propriamente dita. Fiquei nervosa, trabalhar com tantos professores sendo eu ainda uma graduanda. Foi difícil no começo, mas com o passar dos encontros senti-me a vontade e pude perceber que eles gostaram muito também.

Após os encontros dos professores, encontrei-me com os alunos e amei a experiência. Mesmo já trabalhando na área, pude perceber o carinho verdadeiro e gratuito da turma no encaminhamento das minhas aulas.

As duas fases do Projeto 4 foram fantásticas, a escola super prestativa e os alunos muito amáveis. Minha passagem por lá deixou-me muito feliz e certa de que é esse o caminho que eu quero seguir.

Hoje, já finalizando o curso, venho refletir por tudo o que passei no decorrer do meu curso e vejo o tanto que cresci e o tanto que ainda tenho a crescer. Estagiar e hoje trabalhar na área, fez-me crescer muito e ver, de verdade, como é a educação e que, para mudarmos, depende também de nós educadores.

Fazer o curso de Pedagogia abriu-me os olhos para o que muitas pessoas que não sabem sobre desenvolvimento acabam dizendo ser bobagens e que traumas não existem e acabam por pensar que isso não influencia no desenvolvimento e crescimento da criança.

Espero conseguir encontrar na Pós graduação (especialização) ou mestrado continuidade deste meu projeto e assim conseguir aprofundar mais ainda sobre as questões psíquicas que nos movem e nos constroem subjetivamente.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho articula discussões teóricas, baseada nos conceitos psicanalíticos e a pesquisa efetuada no curso de extensão ofertado durante as duas fases do Projeto 4 em uma escola da Secretaria de Educação do Distrito Federal, localizada na 113 Norte.

Para a Psicanálise compreende-se que somos sujeitos constituídos de marcas advindas de nossas vivências e nas relações com o Outro. Assim, reconhecemos que este aporte teórico se faz presente nas relações humanas, não sendo diferente no contexto escolar.

Para Freud, o aparelho psíquico não é dado desde as origens; tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva, daí a importância de se tomar a perspectiva histórica na compreensão da subjetividade docente, de alunos e da própria teoria psicanalítica.

Nesta perspectiva, pretendeu-se aprofundar, teoricamente, o trabalho com a memória educativa e a história de vida, de professores atuantes e alunos, dentre outras atividades propostas no curso, com o intuito de reconhecer a importância das experiências subjetivas vividas pelo sujeito e seus laços com a constituição da subjetividade/identidade docente, dos desafios enfrentados nas complexas relações entre objetividade, subjetividade e a dimensão de centralidade do infantil na formação do professor e alunos.

Na sequência encaminham-se os objetivos geral e específicos, assim como os outros tópicos componentes de um estudo monográfico.

CAPITULO I REFERENCIAL TEÓRICO

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Para pensarmos na conexão entre a Psicanálise e a Educação, é necessário falar de sua teoria e de que forma elas fazem conexão com a educação, não necessariamente com a Pedagogia, mas sim com o educador.

Kupfer (1989) nos explicita que:

[..]A psicanálise pode transmitir ao educador (e não à pedagogia..) uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo naturalmente das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. (p. 97)

Ainda nos afirma que a psicanálise não serve como fundamento para a pedagogia, não como um método a ser implantado.

Observamos a psicanálise na educação por meio dos laços e marcas que assim como em qualquer relação humana são perpassados e para sempre arquivados em nosso inconsciente.

Kupfer (2001) ainda sustenta que:

O saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão de marcas.

Assim a psicanálise faz-se útil para o educador e para o aluno, no sentido que permitirá ao educador levar em conta o sujeito. Ela acrescenta à educação a compreensão de uma prática educativa melhor, não de controle.

Assim como uma criança se desenvolve, o sujeito se constitui. Ensinar é imprimir marcas simbólicas para que o Outro possa se constituir como sujeito.

Como nos diz Chauvet (2008, apud MEDEIROS, 2011), na relação escolar, de ensino-aprendizagem, além de respeitarmos a singularidade de cada aluno, é importante considerar que o mestre também imprime marcas nos estudantes, a partir do modo como atua pedagogicamente.

A partir dessas considerações serão apresentados nesse trabalho alguns conceitos norteadores observados na relação da construção infantil dos professores e alunos, vislumbrados nas relações pedagógicas que os cercam. Dentre estes a memória educativa, o afeto, a transferência, a subjetividade como conceitos fundamentais da Psicanálise em conjunto com a educação.

I. O INFANTIL: MEMÓRIA EDUCATIVA E INCIDENTES CRÍTICOS

Quando falamos de infantil, nos remetemos à memória, nossas vivências e marcas que nos constituem, fatos que nos moldam e que muitas das vezes não são recordados.

Para a psicanálise infância e infantil são conceitos distintos. A infância vem a ser o tempo histórico, já o infantil é conceitualmente da dimensão do inconsciente, os fatos e impressões gravados na identidade espaço-temporal que permanece ativo durante toda a trajetória e construção do sujeito.

Freud ao longo de suas obras afirma que o infantil é nuclear na constituição psíquica do adulto e que mesmo depois de muito tempo, esse infantil não esvai, logo é algo atemporal, mas ambos são ligados por suas referências iniciais.

Para Tanis (1995) a memória guarda a capacidade de resgate do tempo histórico, mas não como um tempo passado, sim como um tempo inscrito nas “entranhas” do atual.

Assim o dispositivo da memória educativa através da escrita do sujeito sobre sua trajetória escolar tem a intenção de resgatar e registrar as influências vividas, positivas ou negativas que permeiam o passado e nos marcaram o que somos hoje. Portanto a escrita do memorial constitui-se como uma escrita autobiográfica, construída através da memória que o sujeito tem acesso e que vislumbrada permite dar sentido ao presente.

Como afirma Almeida (2011):

A importância da memória educativa e sua leitura tem-se inspirado, como já referendado, nos inscritos freudianos. Em nossas palavras estão outras, falam com outras e a psicanálise que trabalha com o discurso, vem lembrar: é a memória do dizer. Nós nos constituímos nesse dizer, o que nos afeta/afetou- ou seja, a memória produz sentido.

Logo a memória educativa é vista como dispositivo no qual o professor poderá construir sua verdade histórica, revendo suas relações com o vivido e “fazendo as pazes” com o seu infantil.

Almeida (1993) afirma que o educador deve ter o reconhecimento de si próprio e a reconciliação com seu infantil, e a memória educativa vem mostrando que antes de um professor constituído existe um aluno em formação. Em concordância com o pensamento freudiano que nos diz que a criança é o Pai do homem. Para Almeida (2002) “o aluno é o Pai do professor”.

Tratado-se da formação do educador, podemos salientar os efeitos subjetivos que fazem parte e são determinantes na sua construção. Podemos afirmar que ele possui uma formação adquirida “ambientalmente” (CARVALHO, 2001), construída durante todo processo escolar como aluno, vivências que possibilitam a construção de sua identidade como professor. O fato é que certas experiências interiorizadas podem ser reproduzidas de maneira inconscientemente, quer sejam positivas ou negativas.

Freud em Algumas reflexões sobre a psicologia escolar afirma que:

[...] é difícil dizer se o que exerceu mais influencia sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. [...] Nós cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre eles formávamos ou deformávamos os nossos (FREUD,1914/1996, p.248)

A memória educativa oferece para o professor uma análise de sua infância escolar e uma forma de elucidar enigmas do inconsciente construído no infantil, podendo assim rever suas atitudes e reconstruir sua identidade.

Pensamos que de certo modo os incidentes críticos acontecem a partir do momento em que na escrita do memorial são vislumbrados as marcas negativas ou positivas que ele reproduz inconscientemente e a partir disso acontece a reflexão do ato com o interesse de mudança.

Incidentes críticos não são planejados, são ações não controladas e de extrema importância para a formação do professor. No memorial vai haver a situação de origem do comportamento que depois de terminada a escrita o professor, na sua leitura, perceberá o comportamento reproduzido e se evidenciará o incidente crítico.

Os incidentes críticos inserem-se na abordagem biográfico-narrativa da pesquisa, pela reflexão sobre o que aconteceu e a trajetória do outro, leva-o a refletir sobre sua própria atuação e trajetória. (Bolívar, Domingo e Fernández, 2001, apud Almeida, 2009).

Tripp (1993) nos esclarece dizendo:

[...] incidentes críticos são produzidos pelo modo como olhamos uma situação: um incidente crítico é uma interpretação do significado de um evento [...] Muitas vezes os eventos que relatamos e relembramos são coisas rotineiras que nos fazem sentir felizes ou infelizes, coisas que nos agradam [...] (Apud ALMEIDA, 2009 p.186).

Woods (1993) considera importante o estudo dos incidentes para a carreira e desenvolvimento dos professores compreende incidentes como:

[...] momentos e episódios altamente energéticos que têm enormes consequências para o desenvolvimento e mudanças pessoais. Não são planejados, antecipados ou controlados. São flashes que iluminam fortemente, em um momento, algum aspecto ou aspectos problemáticos do papel do professor, e que apresentam, no mesmo instante, a solução [...] São fatores-chave na socialização de professores e no seu processo de afirmação. (apud ALMEIDA, 2009)

Bolívar (2002) conclui ressaltando sobre a importância que os incidentes críticos desempenham na evolução e identidade profissional. São acontecimentos críticos que promovem a mudança dessa identidade e fazem o sujeito reconhecer em si as coisas que não eram percebidas. Eles são, portanto acontecimentos que marcam e podem levar a mudanças.

II. SUBJETIVIDADE

Todos os percalços existentes na educação para o reconhecimento das singularidades e suas consequências na prática educativa dos sujeitos nela inseridos, detém um lugar de centralidade na formação de professores, permitindo melhor compreensão dos os elementos presentes no processo de constituição da subjetividade do professor.

Para a psicanálise o conceito de subjetividade vem do latim *subjectum* que significa submetido a, ou seja, é o assujeitamento do sujeito ao campo simbólico ao qual todos devem ser submetidos para tornar-se humanos.

A identidade é uma contínua formação e ocorre através das relações sociais considerando-se sempre a singularidade do educador. A subjetividade docente

portanto depende dos processos conscientes e inconscientes constituintes do ser humano, destacando-se as mudanças vividas na formação de sua identidade.

A constituição como sujeito também depende do outro, como pontua Prazeres (2012),

Só nos constituímos como sujeitos se nosso inconsciente se funde com um conjunto de significações advindas do Outro. Assim, a teoria psicanalítica estabelece as reações entre o sujeito e seu psiquismo, entre seu desejo. Diz respeito á singularidade pertinente ao processo de constituição de cada sujeito e seu psiquismo, entre seu desejo.

O processo de constituição da subjetividade inicia-se com seu percurso como sujeito desejante, sendo esse o sujeito do inconsciente. Rondas (2004) afirma que “encontrar o que sacie nosso desejo completamente seria o mesmo que morrer psiquicamente como sujeito” e Prazeres (2012) quando diz que “somos movidos por nosso desejo- inconscientes- por uma busca incessante por algo, uma vez que o objeto desejado é sempre faltoso.”

Segundo Roudinesco e Plon (1998), identificação refere-se ao processo fundante pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, pela assimilação, apropriação de aspectos, atributos, ou traços daqueles que nos rodeiam.

Os processos de subjetivação podem determinar a pratica pedagógica e as relações entre professor-aluno, pois servem como base relacional à constatação dos variados aspectos que permeiam o campo de atuação docente. Nesse movimento existem experiências discentes que são estruturantes em sua formação como docente, suas identificações, as marcas, as inscrições originarias que carrega que vão se revelar no que vier a realizar em sua vida profissional, assim considerando todos esses aspectos como algo constituinte podemos dizer que a identidade do professor revela-se, também, a partir do Ser aluno.

A identificação, por ser essencial na constituição do sujeito, não existe isoladamente, sendo necessariamente articulada com os demais conceitos

psicanalíticos. Para a psicanálise, a identificação engloba diversos estágios no processo de subjetivação.

A respeito disso Freud (1914) nos ensina que :

Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substituídas desses primeiros objetos de seus sentimentos (p.248).

Isso se explica, na psicanálise, pelo fato de que nossas atitudes emocionais para os sucessores dos primeiros objetos de sentimentos, já estão estabelecidas na primeira infância e sobre elas recaem todas as escolhas posteriores de amizade e amor que serão feitas. É um polo fixo para as identificações do sujeito, mesmo não sendo um reflexo real orientam a forma como um sujeito visa o outro.

III. TRANSFERÊNCIA

Em principio foi considerada por Freud (1895) como um fenômeno específico do tratamento clínico que acontecia quando o sujeito substitui a pessoa do seu passado, pela figura do médico, isso é “toda uma série de experiências psíquicas é revivida, não como o algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico” (FREUD, 1905. p.111)

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a transferência:

Designa em psicanálise, o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles [...] trata-se de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de dualidade acentuada. (p.514)

Freud (1912) divide a transferência em positiva e negativa, sendo a primeira relacionada a sentimentos afetuosos e, a segunda referindo-se a sentimentos de hostilidade. Em 1914, Freud afirma que na verdade “ [...] o sujeito reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (p.165).

Para Freud “trata-se de um fenômeno que permeia qualquer relação humana” (KUPFER, 1989, pag.88), logo infere-se que todas as relações humanas são acometidas de transferência positivas ou negativas, inclusive na relação professor- aluno.

Filloux (2002) afirma que na relação professor-aluno, o que se transfere, num movimento dinâmico, são as experiências vivenciadas com os pais ou substitutos da primeira infância.

Ferreira (2001) acrescenta:

[...] São os primeiros objetos a que o sujeito se acha ligado; a mãe, o pai, os irmãos, que vão ser procurados e substituídos pelos mestres. A eles são transferidos afetos e emoções vividos como esses primeiros objetos. (p.122)

O primeiro ideal da criança vai sendo substituído pela figura do professor, com todas as expectativas que antes eram nutridas pelos pais também transferidas para o professor, não o sujeito físico, mas o psíquico. Pereira (2003) nos alerta que devemos considerar que a intervenção do professor vai além dos resultados previsíveis por ele mesmo.

No tratamento analítico a transferência é de extrema importância para a cura do paciente, na relação professor- aluno não se faz diferente, com o professor conduzindo essa transferência de forma positiva, visando o aprender, ela é integrante no sentido do desenvolvimento intelectual desse aluno, não devendo o professor deixar-se levar pelo “poder” que lhe é dado, pela sedução que a posição de destaque lhe dá.

O professor deve ter a sensibilidade de conduzir a transferência para o conhecimento, para paixão pelo aprender e somente a postura do professor é que poderá guiar esse aluno nessa passagem, pois ela pode contribuir para o seu sucesso ou insucesso.

É importante que o professor compreenda o fenômeno transferencial como um processo inconsciente revivido em sala de aula, pois somente assim ele não se sentiria afetado pelo fracasso ou agressividade que lhe seja “enviada”, já que passam de possíveis reedições “ infantis da figura do mestre, quer dizer , são demandas que na verdade, dirigem-se a outros, como os pais, a sociedade”(CORDIÉ, 1996, p.41).

Deve entender o processo transferencial no cenário pedagógico, que o outro nunca esta no lugar que esperamos, que o desejo do saber é algo relacionado com as primeiras experiências do sujeito e não nas idealizações construídas pelo professor. Ele deve ser o mediador para que esse desejo surja e transformar a transferência na busca e produção do conhecimento.

IV. AFETO

Em todas as relações humanas podemos observar a forma como o afeto está implantado, relação professor-aluno não é diferente. Na teoria psicanalítica o afeto é a expressão qualitativa de quantidade de energia pulsional e suas variações. De certa forma, o afeto caminha de mãos dadas com a transferência, pois primeiramente ocorreu o afeto para depois acontecer a transferência mediante esse sentimento.

É importante ao professor compreender esse afeto como uma descarga psíquica inconsciente e não considera-la como algo puramente pessoal.

Filloux (2002) nos esclarece que os professores defrontam-se com alunos que não nos colocam problemas apenas da ordem intelectual, porém também relações de simpatias, antipatias e conflitos.

Kupfer (2001) explica que perante os sentimentos dos alunos, o professor pode, através das produções estudantis, aproximar-se daquilo que os objetos representem para eles através das representações.

Ornellas (2005) observa que enquanto o sujeito fala aparecem significados que lhe escapam. A escuta, então, não é só ouvir, mas fazer uma leitura subjetiva da linguagem postulada pelo sujeito.

Para essa escuta faz-se necessário não se colocar em posição defensiva, o que muitas vezes não é algo tão fácil, já que o professor não consegue escutar porque também precisa ser ouvido em suas singularidades.

Esse afeto pode ser um incentivador para o aprendizado, mas por ser do âmbito inconsciente, não pode ser medido ou muito menos controlado, aprisionado. Por conta disso o professor se vê afetado pelo mal-estar, medo e angústia de não conseguir dar conta da demanda do ato pedagógico.

Mota (2012) nos afirma que o mal estar do docente ocorre quando eles se deparam com a realidade escolar e se sentem imponentes frente as suas demandas. Através da escuta desse mal estar é que se faz possível uma das conexões entre Psicanálise e Educação de acordo com Ornellas (2005). Faz-se necessário prevenir o surgimento dessa angústia de modo que ela não paralise, mas sim movimente o docente no ato pedagógico.

Dentro deste contexto do afeto acontecem as transferências e as identificações onde o aluno se identifica no sentido de imitar, simpatizar. Freud considera a identificação muito mais que isso por conta do elemento inconsciente, a identificação passa a ser uma apropriação.

De outro modo a sedução vem intervir nessa relação quando o professor seduz por ocupar o lugar da Lei, no sentido da autoridade por ele exercida e do próprio conhecimento e o professor busca inconscientemente estar nesse lugar.

De acordo com Ornellas (2005):

O aluno atualiza seus conflitos edipianos na sala de aula, onde a autoridade do professor personifica o conhecimento, ocupando o lugar da lei, da ordem e das figuras parentais introjetadas (p.164).

Essa sedução deve ser transformada pelo professor em interesse da disciplina e pelo conhecimento.

V. O DESENHO INFANTIL

O desenho constitui a primeira forma de expressão, onde se pode perceber o emocional e afetivo da criança, por ser algo tão sensível, ele evolui justamente com seu desenvolvimento.

Neles observamos a existência de um universo fantástico e muito diverso do que é conhecido pelos adultos. As emoções são expressas em cor, forma, tema, traçado e proporção, e podem, muitas vezes, denunciarem alegrias e conflitos, necessidades e frustrações.

Rodrigues (1976), explica que:

A pessoa que é e as pessoas que fazem parte do seu mundo, a criança expressa no desenho de modo ricamente emocional criador (p.247).

O real e o imaginário e seus limites são traçados unicamente pela criança. A imaginação é aquilo que ela coloca de si mesma nas coisas e pessoas, a partir do momento em que é capaz de assumi-las.

Widlöcher (1971) afirma que:

O desenho infantil conta uma historia, figurando-a com um conjunto de sinais imaginários.

Em principio os desenhos são movimentos desordenados e com pouca coordenação motora. “Ela rabisca porque é impulsionada por suas necessidades motrizes internas” (RODRIGUES, p.265)

Para haver uma interpretação desses desenhos,o professor deve renunciar aos seus preconceitos e levar em conta como é o desenho e o que a criança quis dizer nele.

Oliveira (1978) pontua:

O desenho infantil em seu aspecto psicanalítico merece considerações especiais para melhor compreendermos o sentido projetivo dos fantasmas das crianças.

Deve-se considerar na análise as suas expressões e seu comportamento em sala de aula, não somente partes do desenho, mas o significado do todo. Através dos desenhos infantis o adulto pode perceber o que constitui o interior da criança, seu inconsciente

CAPITULO II

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Classe 113 Norte, a partir do curso de extensão denominado “O lugar do infantil na formação de professores e alunos das séries iniciais”, fundamentado na segunda fase do Projeto 4, realizado no primeiro semestre de 2013.

A proposta metodológica caracterizam-se por uma abordagem qualitativa com atividades apresentadas pelos professores no formado curso de extensão em forma de textos e discussões e na elaboração da memória educativa.

O projeto se desenvolveu com foco nos professores e no alunos. Foram ministrados 7 encontros e a reunião inicial onde foi apresentado o curso de extensão com a leitura do folder e explicação de todo o conteúdo programático com uma grande adesão ao curso nos 2 turnos oferecidos, no total de 25 professores e 4 encontros com uma turma do 1º ano com 17 alunos.

O principal objetivo com os professores foi trabalhar a memória educativa e a historia de vida, com a intenção de reconhecer a importância da subjetividade e das marcas que constituem sua formação docente.

Assim para os professores cursistas foi organizada uma coletânea com os textos base dos conteúdos a serem ministrados, roteiro para a elaboração da memória educativa, apresentação semanal de slides e atividades para análise e reflexão dos temas estabelecidos.

Todos os temas abordados pelo curso foram advindos das teorias psicanalíticas que são observadas no desenvolvimento humano, e estão presentes no contexto escolar.

Já a memória educativa, sendo um registro da trajetória escolar, vem para o enriquecimento e reflexão sobre marcas simbólicas reveladoras do processo de constituição subjetiva.

Com as crianças da turma do primeiro ano também foi trabalhada a história de vida como contexto principal. Foram elaboradas conversas em roda, desenhos, contação de história e a confecção da caixa da memória.

Inicialmente foi trabalhado a origem do nome. A ideia central era de que a criança percebesse que sua vida começa bem antes do seu nascimento e que existe um motivo para aquele ser o seu nome. Eles levaram uma entrevista que com muita euforia foi apresentada no encontro seguinte.

A partir disso foi pedido o desenho do “Quem sou eu” de onde eles partiram do eu individual para o coletivo “Minha família”, sendo a história – Carlota Bolota- a ponte para se trabalhar a caixa da memória por eles confeccionada com seus objetos de interesse”.

Dos desenhos da família foram transcritos relatos já que os alunos, até o presente momento, não sabiam escrever.

De fato a acolhida na Escola Classe 113 Norte, tanto dos professores quando dos alunos, foram de extrema importância para este trabalho e o sucesso do curso de extensão.

CAPITULO III

ANÁLISE DOS DADOS

PROFESSORES

Com os professores foi essencial mostrar como a Psicanálise se relaciona com a educação, que não significa transformar o professor em um psicanalista, mas compreender a existência do inconsciente e seu lugar na constituição das subjetividades.

A importância está em perceber, dentre outras contribuições, que o educador que se inspira na psicanálise precisa saber que não tem controle sobre os “efeitos” que ele poderá causar nos alunos e que nada sabe sobre as repercussões inconscientes de sua presença e de seus ensinamentos.

Como Kupfer (1989) afirma:

[...] A psicanálise pode transmitir ao educador (e não a pedagogia..) uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo naturalmente das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. (p. 97)

Dentro desse âmbito, observamos o que é passado na relação professor-aluno e como isso marca e constitui. Por vezes ficamos com marcas simbólicas que nos acompanham por todo percurso da vida e podem até influenciar em nossas escolhas pessoais/profissionais.

Ainda que atividades e trabalhos, a partir da leitura e apresentação de seminários com conteúdos selecionados da teoria psicanalítica foram propostas e realizadas, assim como reflexões e análises do filme Ser e Ter (um documentário francês dirigido por Nicolas Philibert, que encanta a todos que se dedicam a ensinar/educar) neste trabalho final, o recorte da leitura da memória educativa um

dispositivo importante de pesquisa, foi uma opção teórico-metodológica para a análise de dados.

Como Almeida (2011) aponta:

A importância da memória educativa e sua leitura tem se inspirado, como já referendado, nos escritos freudianos. Em nossas palavras estão outras, falam com outras e a psicanálise que trabalha com o discurso, vem nos lembrar: é a memória do dizer. Nós nos constituímos neste dizer, o que nos afeta/e ou afetou – ou seja, a memória produz sentido.

É interessante salientar o que nos tornamos marcados por nossos primeiros professores, como nosso infantil foi orquestrado por essas ações muitas das vezes inconscientes. Pensar que hoje já adultos, o infantil ainda opera constantemente e nós na posição de educadores reproduzimos certas condutas implantadas em nosso psíquico.

Para melhor observar esses fatos como constituintes da formação psíquica presente nas relações escolares, foi pedido aos professores que, depois de apresentada teórico-conceitualmente a memória educativa, fizessem o seu próprio memorial tendo um roteiro como norteador.

O objetivo de se trabalhar o memorial com os professores era que pudessem depois de escrever observar a partir das outras teorias vistas, como a psicanálise estava presente nas primeiras relações que tiveram na escola e como isso tudo influenciou na escolha e na formação do professor que são hoje.

Como nos explica Almeida (2007) “A memória educativa visa compreender melhor os laços entre a história de vida do professor, sua história como aluno, resgatada e reinventada na escrita da memória, e suas práticas profissionais”.

Fragmento de uma memória docente:

Lembrar da escola é lembrar com carinho momentos de alegria e de lágrimas, que me formaram como pessoa. (Professora J)

O afeto esta presente em todas as relações humanas e na escola, de mãos dadas com a transferência que bem encaminhada favorece o aprender, mas não passa de uma descarga psíquica do aluno. Pode ser observado até mesmo como uma válvula de escape dos momentos ruins vividos na escola, como nos fala a professora J.

Hoje eu me espelho numa professora de história, que os exercícios eram criados por nós... A aula dela era maravilhosa até os momentos ruins desta época eram esquecidos nesta aula. (Professora J)

A partir desse afeto Ornellas (2005) assinala que o professor seduz por ocupar o lugar da Lei, por ter o poder da sala e ser o detentor do conhecimento. Essa sedução pode atrair o interesse do aluno para a aprendizagem e conquistar a confiança, tal como diz a professora C.L:

Hoje vejo que o fator professor e aluno quando existem uma cumplicidade, alegria e prazer, tudo se torna mais fácil para aprender.(Professora C.L)

Ter uma relação de confiança e afeto entre professor-aluno, não significa não ter limites, como a Professora R.M nos relata:

A professora [...] demonstrava ao mesmo ternura e pulso firme conosco, engraçado que lembro que éramos livres, tínhamos sim que obedecer à professora, ela era tudo. (Professora R.M)

Dentro dessa relação professor-aluno, o mal-estar é algo que aparece quando se constata que a realidade não atende as expectativas e não saber lidar com o real pode paralisar a situação.

Logo, esse mal-estar ocorre quando o professor se depara com a realidade escolar e se acha impotente diante dela, o ideal profissional não consegue sobreviver às demandas escolares. Freud (1930) nos explicita que existem sujeitos

que não se dão conta do seu sentimento de culpa, ou somente se sentem como um mal-estar atormentador, uma espécie de angústia por não poderem fazer certas ações.

A leitura desses relatos permitem esse olhar:

... um dia em sala de aula ele afirmou que não gostava de dar aula e que só fazia pelo dinheiro, pois estava precisando. Acho que ele estava passando por alguns problemas pessoais, mas eu não tinha maturidade para entender e me senti mal com esse depoimento porque parecia que ele não gostava de nós e não queria estar conosco. (Professora C.T).

... Um dos fatos ocorreu com o professor de matemática, chamado Antônio Agamenon, ele era muito bravo e grosseiro, para não dizer estúpido, acho que tinha problema com a autoestima, ele não tinha beleza física nem interior. (Professora C.M).

O autoritarismo conversa diretamente com o ato de corresponder ao amor e ódio do aluno, uma reação á transferência do aluno que o professor não usa pra ensinar, mas para repetir seu conflito original e age como se os sentimentos do aluno fossem de fato direcionados a ele.

Por vezes essas são ações que já foram sofridas anteriormente quando esses professores eram alunos. Assim o professor impõe o medo e não aceita ser questionado, como a professora J descreve em seu memorial.

Na terceira série a professora Maria Terezinha pediu para eu ler o texto, quando eu li silabado ela se irritou e acabou me dando um tapa no rosto. Essa foi uma lembrança ruim da escola, Eu fiquei com essa dificuldade da leitura até terminar o Ensino Médio... (Professora J).

Professora J. no futuro fez da escola sua terapia, o magistério foi uma maneira de superar suas dificuldades.

O magistério me ensinou a superar a minha dificuldade e a dos alunos que eu poderia ter. Foi para mim uma terapia. (Professora J).

O professor deve procurar o lugar como o mediador entre o aluno e o conhecimento, sem esse não importa quantos métodos ou teorias ele busque, o aprendizado não acontecerá.

Durante o processo de identificação o professor torna-se modelo para o aluno, muita das vezes influenciando-o na escolha da futura profissão. Para Freud a identificação vai mais além do que a imitação por causa da existência de um elemento inconsciente, na verdade é uma apropriação.

Assim como Freud (1914) ensina:

É difícil dizer o que exerceu mais influencia sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. (p. 248)

Acerca disso, podemos citar que praticamente todos os professores em seus memoriais falaram de uma conexão entre o professor que tiveram com o professor que se tornaram. As identificações que inconscientemente foram formadas e influenciaram na decisão de também ser um professor podem ser observadas nos recortes seguintes:

Acredito que muitos de meus professores me influenciaram na escolha de minha profissão, principalmente os que me fizeram pensar e repensar no prazer de ensinar e de aprender. É por isso que tento trazer para minha vida profissional, a formação de um ser/cidadão como um todo, sem perder a ternura e o carinho... Depois de tantos professores de Português maravilhosos resolvi fazer licenciatura em Letras". (Professora R.M)

No relato da Professora C.M, existe a identificação e a reprodução dos acontecimentos escolares.

Na minha infância tudo o que eu queria era ser uma boa professora. Brincava de escolinha, riscava as paredes do quintal com carvão, as janelas com giz trazido da escola (...) A noite reunia os irmãos mais novos e os primos e dava aulas que assistia na escola e ler histórias... (Professora C.M).

Por fim, fica marcado para a Professora C.T o reconhecimento que de fato ficamos marcados pelo outro e pela Professora C. que reconhece que as marcas se iniciam com nossos pais.

(...) tudo que sou hoje tem um pouco de cada professor e cada pessoa que passou em minha vida. (Professora C.T)

Acredito que somos reflexos vivos dos nossos pais, mesmo negando alguns comportamentos, acabamos por repeti-los. (Professora C)

Com a escrita e a reflexão desses memoriais pelo próprio escritor, aos professores, possivelmente, foi permitida a reconciliação com sua própria infância, além da reflexão acerca de atos negativos, inconscientemente, por eles reproduzidos.

Os professores hoje tem ciência de que são formadores de marcas em seus alunos e que não possuem o controle do aprender dos mesmos. Assim devem ter o zelo de trabalhar bem com as transferências estabelecidas de forma que conduzam ao aprendizado e ao crescimento dos alunos, e determinantes da constituição de sua subjetividade.

DOS ALUNOS

Com os 17 alunos, sendo 8 meninas e 9 meninos com 6 anos de idade, foram realizadas atividades que tinham como objetivo serem provocadoras de suas memórias e lembranças. De início uma pesquisa familiar sobre a origem do seu nome, a leitura do livro Carlota Bolota, a confecção de uma caixa de memórias e a produção de um desenho com o tema “Minha história de vida”.

Todas as conversas em roda possibilitaram uma maior interação com as crianças, que muito desinibidas apresentaram o significado de seus nomes que por algumas era desconhecido. Depois de feito isso elas se desenharam com o intuito de se perceberem como constituintes do mundo.

No livro “Carlota Bolota” a personagem principal conta sua história de vida através de um álbum de fotografias no qual ela relata os fatos marcantes de sua vida. O objetivo da história foi fazer as crianças se identificarem com a personagem justamente pelo fato da próxima atividade ser a caixa da memória.

O entusiasmo para a montagem da caixa foi evidente, todos se sentiram ansiosos para a sua confecção e montagem. O proposto foi que cada um levasse três objetos que quisessem. O objetivo foi demonstrar como desde pequenas elas já possuem marcas como constituintes do que são.

Cada um explicou o motivo pelo qual escolheu seus objetos. Alguns alunos levaram, fotos, medalhas, ursinhos de pelúcia, bonecos de super heróis, todos cheios de simbolismo para eles.

A aluna M. levou fotos, pois disse gostar muito delas, mas estava se sentindo muito triste, pois seu cachorro chamado Duck havia sumido e colocou a foto na caixa porque sempre se lembrava dele e ficava olhando com saudades.

Caixa de memórias Aluna M.



Fonte: A autora

O aluno P é corredor de mapas, na sua caixa havia mapas, medalha da corrida que havia acontecido no dia anterior, uma foto e um brinquedo que ganhou de aniversário. Correr é a atividade que ele mais gosta porque faz juntamente com a família. A foto foi escolhida por ter sido na corrida que ele mais gostou de fazer.

Caixa de memórias Aluno P.



Caixa de memórias Aluno P.



Fonte: A autora

Diante da próxima atividade, o desenho intitulado “minha história de vida”, percebi o aluno E com dificuldades para fazer o desenho e depois que todos já haviam terminado e relatado seus desenhos ele acabou.

Segundo Rodrigues (1980):

A primeira evidencia notável de que a criança já sabe é já sente que no universo existe uma certa ordem (aparente ou não) é a sua inserção nele. Quando isto acontece, ela representa outras figuras humanas além dela própria, num contexto de evolução sócio-afetiva e de relações interpessoais. Então, aparecem desenhos da família e do ser humano em geral representados em formas, proporções e coloridos emocionais. (p.253)

Desenho Aluno E



Fonte: A Autora

No desenho do aluno E podemos observar a disposição da família de forma linear. No relato dado, ele nos afirma que a mãe briga muito com ele e os irmãos o batem, Logo pode-se observar o distanciamento dele como os demais. Ele está bem próximo do tio, de quem ele se refere como alguém que brinca com ele e passa parte do dia junto. Essa representação pode estar ligada aos fatos cotidianos de sua família.

Já no desenho do aluno P observamos as expressões dos pais no desenho e quando perguntado o que estava acontecendo, ele diz que a mãe estava xingando e pois todos estavam indo na frente e ela não queria ir, o irmão mais velho com cara de chateado, o pai bem assustado e o aluno P retratado entre os pais.

Desenho do Aluno P.



Fonte: A autora

Fica claro que os desenhos e escolhas das crianças são cheios de significados emocionais e cabe ao professor não impedir suas criações tendo em vista que nada do que representam estará vazia de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso da construção desse trabalho, nosso objetivo era o de reconhecer o lugar do infantil nas experiências vividas e na construção das identidades, além de mostrar a importância da teoria psicanalítica na relação da psicanálise e educação.

Na análise dos dados foi observado nas vivências dos professores a relação de afeto, do mal-estar docente, casos de autoritarismo e de identificação. Fica claro como as vivências e marcas ocasionadas pelos primeiros professores são fortes mesmo com o passar dos anos. Muitos deles hoje se identificam com professores que tiveram e assumem que o fato de hoje serem o que são faz parte do que foi plantado por professores de suas vidas.

O ato de escrever a memória educativa proporcionou aos professores a reflexão do sua infância além de sua possível reconciliação com o passado. Também observamos certos comportamentos que por vezes inconscientemente foram reproduzidos e que vistos na escrita do memorial puderam ser reavaliados e transformado em uma ação positiva, como o incidente crítico nos mostrou ser capaz de fazer.

Estudar a psicanálise para os professores foi algo de bastante utilidade para se conhecerem e conhecerem a quem são em sala de aula sabendo que assim como eles influenciam na formação de seus alunos, eles os influenciam fortemente.

Com as crianças foi visto como as produções nunca estão vazias e nelas podemos observar o que já na terna idade as marcas e que com certeza não será esquecido com o passar dos anos.

Como conclusão final, consideramos que a psicanálise é valiosa para a educação na compreensão das relações professor-aluno e suas implicações na sala de aula.

Será possível aos professores o reconhecimento do infantil como dimensão nuclear da constituição como sujeito. Também ressalta-se o entendimento de que todas as transferências que acometa o aluno serão estritamente de ordem psíquica

e não propriamente ditas emocionais, direcionadas a ele e que devem ser direcionadas para o aprendiz.

Assim, a psicanálise nos evidencia que não há uma fórmula para a prática pedagógica e que na verdade não temos garantias para sermos bons professores, mas possibilita repensar a educação a partir da constituição do infantil na formação de professores e alunos.

Por fim, reconhecemos que o trabalho da Psicanálise não pode fazer o papel de educação e muito menos tornar-se solução para problemas educacionais, em especial, quando tratamos de questões que envolvem professores e alunos pois *o trabalho da educação é algo sui generis: não deve ser confundido com a influência psicanalítica e não pode ser substituído por ela* (FREUD, 1976, p.342); mas, como Filloux (1973), apostamos que a Psicanálise possa contribuir para resgatar, no professor, sua capacidade de *criar* e da *clareagem* de nossas relações com os alunos(KUPFER,2001).

PERSPECTIVAS FUTURAS

De uma coisa estou certa, voltarei a UnB! Quer seja para um mestrado, quer seja para outra graduação, a verdade é que ainda quero mais do que ela tem a me oferecer.

Na escrita desse trabalho lendo todas as memórias, identifiquei-me com algumas ideias. Penso primeiramente dedicar-me a coordenação pedagógica e a psicopedagogia.

Sinto que a responsabilidade de ser uma pedagoga é extremamente importante, antes mesmo deformada já era um exemplo aos meus alunos e uma pessoa já observada pelos pais, mas o que me preocupa são as marcas que certamente vou deixar neles.

Ser responsável por isso me faz hoje ser mais cuidadosa com o que digo, com a forma de tratamento dada a todos, pois nunca vamos passar despercebidos na vida de alguém.

De fato hoje vejo que fiz a escolha certa e percebo o quanto eu amadureci nesses anos de vivência na UnB e como perspectivas tenho de chegar até o doutorado nela e quem sabe um dia ser do quadro de seus professores, porque o aprender é ilimitado.

Pretendo após o término desta graduação ingressar no mestrado, conhecer outros países, estudar outros idiomas, quem sabe até fazer um doutorado fora do país.

Quero continuar na busca do conhecimento, pois posso perder tudo menos o que já aprendi.

Termo minha graduação já empregada e creio que continuarei nessa instituição, mas tenho a meta de trabalhar no ensino público, pois sei que tenho

potencial para tal e as crianças tem real necessidade de professores que se preocupam verdadeiramente com a educação.

Tenho vontade de fazer um curso de LIBRAS além de outros idiomas, isso enriqueceria meu currículo e quem sabe poderia lecionar para as crianças essas novas línguas.

No mais, eu faço os planos, mas o futuro só a Deus pertence.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I.M.Z.P. **O Ser infante e o Ser professor na memória educativa escolar.** In Anais do IV Colóquio do LEPSI IP/FE-USP. São Paulo, 2002.

_____. **Do conceito de transmissão à formação de educadores.** . In Anais do VI Colóquio do LEPSI IP/FE-USP. São Paulo,2007.

_____. **Das memórias educativas: a emergência da historia singular do professor em sua relação com o saber.** In Anais do VII Colóquio do LEPSI IP/FE-USP. São Paulo, 2011.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O incidente critico na formação e pesquisa em educação.** Educação e linguagem v.12 nº19, 2009.

ALMEIDA, S.F.C de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender.** *Temas em Psicologia*,n.1,pp.31-44, 1993.

CARVALHO, A.M.P de & Perez,D.G. **O Saber e o Saber Fazer dos Professores. Em: Castro,A D.de & Carvalho,A M.P de (Org). Ensinar a Ensinar. Didática para a Escola Fundamental e Média.** São Paulo:Thomson, 2001.

CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem. Psicanálise de crianças com fracasso escolar.** Porto Alegre: Artes Medicas,1996

COUTO, Maria Joana de Brito D'Elboux. **Psicanálise e educação: a sedução e a tarefa de educar.** São Paulo:Ed.Avercamp Ltda,2003.

FERREIRA, Tânia. **Freud e o ato do ensino. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, (Org.) A psicanálise escuta a Educação,** 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

FILLOUX, Jean Claude. **Psicanálise e educação.** São Paulo: Expressão e Arte, 2002.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol II. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1996.

_____. **A dinâmica da transferência**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XII. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1996.

_____. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIII. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.

_____. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXI. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1976.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Educação para o futuro**. Psicanálise e Educação. São Paulo: Escuta, 2001.

MEDEIROS, Bárbara Meneses de. **O infantil na psicanálise: implicações na formação de professores e alunos**. Brasília, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2011.

MOTA, Janaína. **O percurso do afeto no cenário pedagógico**. In: Almeida, Inês M.M.Z.Pires de, (Org.) **O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica**. Ed. CRV, Curitiba, 2012

OLIVEIRA, Rosalina Rodrigues de. **A transferência na ação pedagógica: ruído ou música?** In: Almeida, Inês M.M.Z.Pires de, (Org.) **O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica**. Ed. CRV, Curitiba, 2012.

ORNELLAS, M.L.S. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: AnnaBlume, 2005.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O avesso do modelo: bons professores e a psicanálise**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.

PRAZERES, Sandra M.Gonçalves. **Constituição da subjetividade docente: as implicações na prática educativa**. In: Almeida, Inês M.M.Z.Pires de, (Org.) **O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica**. Ed. CRV, Curitiba, 2012.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia Educacional: Uma crônica do desenvolvimento humano**. Editora McGraw-Hill do Brasil, 1980.

RONDAS, M.A. **Psicanalise e educação: caminhos cruzáveis**. Brasília: Plano, 2004. Dissertação de mestrado, 1990.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionario de psicanálise**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1998.

TANIS, B. **Memória e Temporalidade: Sobre o infantil em Psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicologo, 1995.

WIDLÖCHER, Daniel. **A interpretação dos desenhos infantis**. Editora Vozes, 1970.

Anexos

Folder-frente

Referências

ALMEIDA, Inês Maria M. Z. Pires de Almeida. **Ressignificação da Psicologia da Educação na Formação de Professores de Ciências e Matemática**. Tese de Doutorado. IP (UnB). 2001.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o Futuro**. Psicanálise e Educação. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2001.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Infância e Ilusão (psico) pedagógica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TANIS, Bernardo. **Memória e Temporalidade**. Sobre o infantil em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

Coordenação

Profª Drª. Inês Mª.M.Z. P.de Almeida

Orientação

Adriana Pereira Bomfim
(orientanda - doutorado)

Talyta Reis dos Santos
(orientanda - graduação)

Realização



Decanato de Extensão
Faculdade de Educação – FE-UnB

O LUGAR DO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS.



Fonte: www.psicologonline.com.br

Período: 18/03 a 04/06/2013

Local: Escola Classe 113 Norte

Brasília - DF

Folder – Verso

Resumo da Proposta

Esta proposta se justifica a partir da própria concepção e sentido do trabalho acadêmico desenvolvido na universidade, que se inscreve na articulação: ensino, pesquisa e extensão. Assim, reconhece-se a possibilidade de interlocução entre a disciplina – Inconsciente e Educação – e o Projeto 4 do curso de Pedagogia, ofertadas pela professora coordenadora desta proposta, a graduanda Talyta Santos e a pós-graduanda Adriana Bomfim.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Lugar do Infantil.

Justificativa

A justificativa desta proposta caracteriza-se por uma iniciativa a partir da demanda curricular do Projeto 4 (Estágio Supervisionado) do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – UnB. Aos docentes propõe-se apresentar e aprofundar o trabalho com a memória educativa e história de vida, no sentido de discutirmos a importância das

experiências subjetivas vividas pelos sujeitos e seus laços com a constituição da identidade profissional docente e as possíveis implicações na prática pedagógica. Para tal, utilizaremos conceitos provenientes da teoria psicanalítica e da conexão entre Psicanálise e Educação. Para as crianças, em fase de alfabetização, justifica-se o estudo pictórico de suas memórias e a compreensão das mesmas através do aporte psicanalítico à semelhança das preocupações freudianas com a origem (Ur), a fim de aprofundarmos a questão da subjetividade/identidade do sujeito infantil.

Objetivos

Apresentar e aprofundar, teoricamente, o trabalho com a memória educativa e história de vida de professores, atuantes e/ou em formação, no sentido de reconhecer a importância das experiências subjetivas vividas pelo sujeito e seus laços com a constituição da identidade

profissional docente;

Reconhecer os desafios enfrentados nas complexas relações entre objetividade e subjetividade, no âmbito da formação docente e as possíveis implicações na prática pedagógica;

- Compartilhar a possível conexão Psicanálise e Educação e suas implicações no campo da arte, em especial, a cinematográfica.

Conteúdos

- Memória Educativa
Subjetividade e Identidade Docente
- Transferência na sala de aula
- Sexualidade Infantil: Complexo de Édipo
- Sedução Pedagógica
- Afetos e suas implicações em sala de aula
Contação de histórias, representação pictórica e filmes infantis.
- Confeção da Caixa de Memória.

O LUGAR DO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E ALUNOS DAS SÉRIES
INICIAIS.

Cynthia Joanna de Souza Lunkes.

Matrícula: 28935-3.

E.C 113 Norte.

Não me lembro exatamente em que série que isso aconteceu mas foi uma coisa ruim que me marcou e que me lembro até hoje: estávamos estudando tabuada e uma das mães entrou na nossa sala e disse que no dia seguinte iria nos cobrar a tabuada de certo número, disse que escolheria alunos aleatoriamente e que valeria ponto. Quando ela passava pela nossa porta eu ficava nervosa e com medo, tudo que eu havia estudado parecia que tinha fugido da minha cabeça.

} medo /
ameaça

Da 5ª série em diante comecei a ter uma série de professores, as matérias que eu tinha mais facilidade eram: português, inglês e ciências. Tive um professor de matemática que era frustrado, um dia em sala de aula ele afirmou que não gostava de dar aula e que só o fazia pelo dinheiro, pois estava precisando. Acho que ele estava passando por alguns problemas pessoais, mas eu não tinha maturidade para entender e me senti mal com esse depoimento porque parecia que ele não gostava de nós e não queria estar conosco. Não sei se foi por esse motivo, mas eu não gostava de matemática e não consegui aprender na aula dele e, pela primeira vez na minha vida acadêmica precisei de um professor particular para não "ficar" de recuperação. As professoras de geografia e história eram mais velhas e não eram muito dinâmicas, era só cuspe, giz e mapa, nada que estimulasse nossa imaginação... Nunca assisti a filmes relacionados às matérias dadas. Eu gostava muito da professora de educação física, ela era mais nova e interagiu mais conosco, além de ser nossa conselheira. Gostava também da professora de ciências, ela era exigente, mas era divertida e dava uma ótima aula, utilizava recursos visuais e táteis, aprendi os ossos do corpo humano tendo acesso ao esqueleto, lembro-me dos nomes até hoje. Na 8ª série tive uma viagem de formatura para Cabo Frio/RJ que foi muito marcante porque foi a primeira viagem que fiz sem meus pais, senti um pouquinho de liberdade.

Cursei o ensino médio no Leonardo da Vinci, nos primeiros dias fiquei um tanto receosa porque meus amigos do antigo colégio foram para outro colégio; eu estava sozinha depois de tanto tempo sem me preocupar com amizades, porque elas já eram certas. Mas não demorou muito e logo fiz amizades, amizades que duram até hoje. A quantidade de professores aumentou ainda mais, eu tinha 3 de matemática, 3 de

português, 2 de biologia, 2 de física, 2 de química, 1 de inglês, 1 de educação física, 1 de história, 1 de geografia, 1 de artes. O bom disso é que na hora de estudar para as provas eu conseguia associar a matéria ao professor. Pelo fato da escola ser grande me tornei um número na hora da chamada, os alunos conhecidos eram ou os muito inteligentes ou os muito danados. Alunos como eu passavam despercebidos. Nessa época eu gostava muito de inglês, português e biologia. Não gostava de física porque tinha muito cálculo e os professores não colocavam as teorias em prática, acho que teria sido mais interessante e marcante, certamente. Tive um professor de geografia maravilhoso, ele dava aula com a alma e quando errávamos alguma pergunta que ele fazia e gritava: "NÃO", e era muito engraçado, me lembro das aulas dele até hoje. No primeiro dia de aula do 3º ano fui bombardeada por todos os professores que diziam tínhamos que estudar no mínimo 6 horas por dia para o vestibular se quiséssemos passar. O engraçado é que nos 2 anos anteriores ninguém tocou no assunto, mas a partir do 3º ano os professores não falavam em outra coisa e nos deixavam tensos.

Cursei um semestre de administração na UDF, logo fiz amizades, até porque a turma fazia todas as matérias do semestre junta. Fiz cursinho concomitante com a faculdade porque queria estudar na UnB e não onerar mais o meu pai que já tinha pago escola pra mim todo esse tempo. No segundo semestre eu já estava na UnB. Se eu achava que no Leonardo eu era só um número... na UnB era só mais um. Eu tive aula em várias faculdades, de psicologia, direito, sociologia, educação, etc. Nunca consegui fazer matérias com as mesmas pessoas, isso foi muito chato. Na formatura não conhecia quase ninguém. Os professores que me marcaram foram: a professora de psicologia do 1º semestre, não me lembro do nome dela, mas adorei a matéria e a aula (Introdução à psicologia); os demais professores tinham o doutorado na barriga e se sofriam de estrelismo. Deixavam matéria no DCA para tirarmos cópia e só pediam resenhas e mais resenhas, aula que é bom.... Tive um professor de economia que deveria dar aula 3 vezes por semana, ele mandava a monitora fazer chamada na aula da segunda e ir embora, na quarta ele dava o ar da graça e abordava o assunto de um capítulo e na sexta só vinha pegar as resenhas do capítulo previamente abordado. Percebi que

para ser aluno da faculdade de administração o aluno tinha que ser autodidata. Escolhi o curso de administração porque sabia que seria servidora pública e o curso era muito abrangente. Como sou filha de 2 servidores públicos, fui educada para ter estabilidade financeira, não pagar aluguel e saber economizar e gastar o dinheiro que ENTRA. Nunca tive cheque especial, nunca me permiti ter o nome sujo e ficar devendo ninguém. Acabei prestando concurso para secretaria de educação, como minha mãe e há 15 anos estou trabalhando em escola. Acredito que somos reflexos vivos dos nossos pais, mesmo negando alguns comportamentos, acabamos por repeti-los.

Universidade de Brasília

Memórias

Lembrar da escola é lembrar com carinho momentos de alegria e de lágrimas, que me formaram como pessoa.

A primeira lembrança é as músicas que cantávamos em sala, também lembro da minha cartilha de alfabetização.

Eu me lembro da angústia e do nervosismo que passávamos por querer saber se passaríamos ou não de ano, e comentávamos sobre quem reprovou e coitado dele, tínhamos dó dele.

No meu processo de ensino e aprendizagem tive dificuldade com a leitura, porque quando eu lia ficava silabando ou inventando palavras na tentativa de ler mas rápido.

Na terceira série, a professora “Maria Terezinha” pediu para eu ler o texto, quando eu li silabado ela se irritou e acabou me dando um tapa no rosto. Essa foi uma lembrança ruim da escola. Eu fiquei com essa dificuldade da leitura até terminar o ensino médio. Sempre com vergonha de ler oralmente. A professora virou coordenadora e nem me lembro mais sobre algo da escola esse ano.

A superação da dificuldade de leitura só foi alcançada quando comecei a cursar o magistério. O magistério me ensinou a superar a minha dificuldade e a dos alunos que eu poderia ter. Foi para mim uma terapia.

Eu amei muitos professores, eu lembro da professora Sandra: ela me ensinou o amor os estudos, a buscar o melhor de mim nos estudos. Eu lembro do professor Denilson, hoje é diretor, ele passava listas enormes de exercícios de matemática, “ eu amava fazer”. Mas hoje eu me espelho numa professora de história, que os exercícios eram criados por nós, cruzadinha, caça palavras, pergunta e resposta. A aula era maravilhosa até os momentos ruins desta época eram esquecidos nesta aula. Eu sempre estudei em escolas públicas e pequenas e me orgulho muito do que aprendi e do que sou hoje como aluna e como professora.

Escolhi ser professora para poder ter independência. Mas hoje o magistério, a educação é a minha vida, minha alegria é uma terapia a cada dia, porque quando entro na sala eu esqueço os problemas e sou muito feliz.

Jussara Gomes

Cristina Porto

CARLOTA BOLOTA

Illustrates:
Michele
Iacocca



Caixa de memórias do aluno P.



Fonte: A autora

Caixa de memórias da aluna M.



Fonte: A autora

Minha história de vida

Nome: Paulo - 1º ano

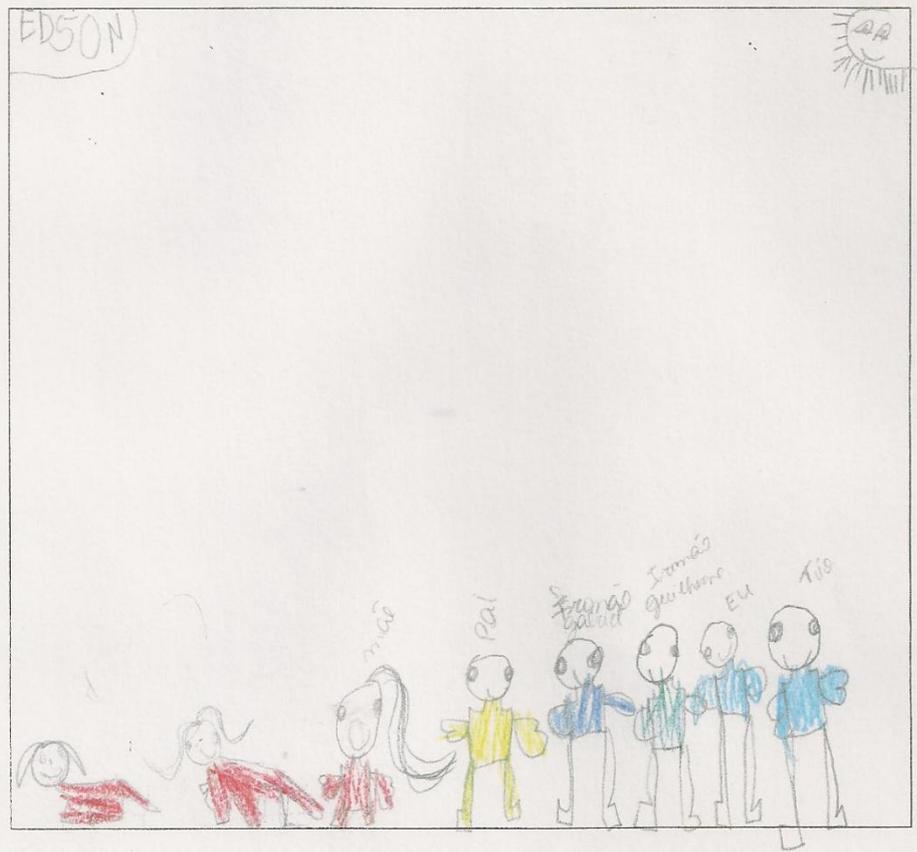


MAMAI - NAO - GOSTA - DE ORETASAO -
 SO - ME UEMAO - ME UDAFAE - DE ORETASAO - MAEO
 NAO - GOSTA - RUA PAULO -

Aqui é meu irmão e meu pai indo mapear
 e minha mãe está rindo com eles pq eles
 estão fazendo mapa sem a mãe quer.

Minha história de vida

Nome: Edson - 1º Ano



"Nossa família tem 2 cachorros, nós estamos passeando na floresta. Minha mãe e eu passamos os dias com os cachorros junto com meu pai. E nós estamos indo jogar bola. Meu tio bate o sino e levanta a chimela e quando a gente atende ele deixa a grade de folhas no chão. Minha mãe me bate e meu pai também e os meus irmãos também."